

SILVA NETO, Serafim (1986). Introdução. IN: *História da língua portuguesa*. 4ed. Rio de Janeiro : Presença. [1957]

**p. 13**<sup>1</sup>

“A história de toda língua é uma sucessão de acidentes, mas de acidentes coletivos. Com efeito, a maior parte é preparada pela estrutura mesma da língua e dos conteúdos virtualmente nela.”

“Cada estado de língua sai assim naturalmente do estado de língua anterior. Isso não impede cada indivíduo de ter na evolução da língua certa responsabilidade, mas o acidente individual se autoelimina e desaparece sem deixar rastros daquele que o cometeu. Para que um acidente sobreviva a seu autor ele deve ser consentido, sancionado pela comunidade. Isso permite compreender o papel do indivíduo isolado.”

**p. 14 e 15**

“A extensão do indo-europeu para uma parte da Ásia e quase toda a Europa fornece a base da gramática comparada das línguas indo-europeias: uma primeira diferenciação para criar os falares que se unificaram em grupos novos: indo-iraniano, eslavo, germânico, helênico, itálico, céltico, etc.; nós não sabemos como cada uma das línguas comuns que foram constituídas foi imposta a um domínio extenso e como depois elas se diferenciaram. Entre o indo-europeu e o francês moderno, entrevê-se assim toda uma série de unificações e de diferenciações sucessivas: uma unidade ítalo-céltica que se quebra e chega à criação de uma unidade itálica e de uma unidade céltica. Uma unidade latina que provém de uma diferenciação da unidade itálica; uma unidade latina, quebrada ou dividida em falares infinitamente diversos; de lá saiu, entre outras línguas, o francês do qual a unificação ainda prossegue.”

**p. 16**

“Há muitos anos, manifestei o pensamento de que no italiano (especialmente nas línguas românicas), *ie, uo = e, o* (uso vulgar) era originalmente, e como é ainda agora em alguns dialetos, vinculado a um *i* ou *u* subsequente: *vieni, bonu, buoni*. Inicialmente teria ele se estendido por analogia conceptual: *viene, buona*, mas também sem ela (essa analogia): *pietra, ruota* e formas como *bene, bove* (pl. *buoi*), *nove* (em oposição a *nuovo*) significariam então os últimos espaços ainda (lugares) não conquistados.”

**p. 16 e 17**

“Essa generalização de um fato particular, quais sejam seus limites, exige tempo, e esse tempo pode algumas vezes ser medido. Assim, a transformação de *p* em *d*, que o intercâmbio de pessoas estendeu sobre toda Alemanha continental, propagou-se primeiro no Sul, entre 800 e 850, salvo nas línguas antigas dos francos, em que *p* persiste sob a forma suave *t* e não passa a

---

<sup>1</sup> Todas as referências estão no texto original.

*d* senão mais tarde. A mudança de *t* em *z* (pronúncia *ts*) produz-se nos limites mais restritos e começou a uma época anterior aos primeiros documentos escritos; ela deve ter sido originada nos Alpes aproximadamente no ano 600 e se estendeu ao mesmo tempo ao norte e ao sul, na Lombardia. O *t* se lê ainda em uma carta dos habitantes de Turing uma região da Alemanha no século VIII. Em uma época mais recente, o *i* e o *u* germânico tornaram-se ditongos (...); a partir da Boêmia, aproximadamente 1400, o fenômeno demorou trezentos anos para chegar ao Reno e cobrir toda a área atual.”

**p. 17 e 18**

“Se um fonema *t* torna-se *ts* em um ponto do território germânico, o novo som tende a se estender em torno do seu ponto de origem, e é por essa propagação espacial que ele entra em embate com o *t* primitivo ou com outros sons que puderam sair de outros pontos. No lugar onde nasce, uma inovação desse tipo é um fato fonético puro; mas em outros lugares ela não se estabelece senão geograficamente e por contágio. Assim o esquema *t >ts* não é válido em toda a sua simplicidade senão no lugar de origem; aplicada à propagação, ele lhe daria uma imagem exata.

O foneticista distinguirá então cuidadosamente os lugares de inovação, onde um fonema evolui unicamente sobre o eixo do tempo, e os lugares de contágio que saem ao mesmo tempo do espaço, não interviriam na teoria de fatos fonéticos puros. No momento em que um *ts*, vindo de fora se substitui por um *t* não se trata da modificação de um protótipo tradicional, mas de imitação de um falar vizinho sem considerar esse protótipo; quando uma forma *herza* “*coração*”, vinda dos Alpes, ocupa na Turíngia um mais arcaico *herza* não se pode falar de mudança fonética, mas de empréstimo de fonema.”

**p. 20**

“Os patoás atuais são o resultado de quinze séculos de história. Na época primitiva, quando Arduenna silva cobria a planície de Ardenne, o relevo do solo decidiu a colonização do país... desde a origem, três massas de população, de proveniência diversa, falavam três línguas diferentes... Nos mapas linguísticos atuais, nós encontramos traçadas, ainda, as fronteiras de três raças. Irregulares e confusas desde a origem, essas fronteiras tornaram-se mais irregulares e mais confusas ainda no curso de quinze séculos de vida comum e de influências recíprocas.”

**p.21**

“O que decide as concordâncias linguísticas - como também, em parte, ao menos, as divisões políticas -, são os fatos de civilização: o ângulo notável que faz o grande conjunto dos limites entre o galo-romano do Norte e aquele do Midi entre Bordeaux e Lyon desenha para o Norte uma grande curva, que concorda com aquela que desenha os trilhos do trem de ferro (pelo Périgueux, Limoges, Guéret, Mont-luçon, Gannat, Roanne) entre essas duas cidades, para evitar os pontos mais altos do Planalto central. São os fatos de civilização que explicarão por que todo o planalto central pertence ao tipo do Midi.”

**p. 23**

O dialeto de Monza não reflete um “espírito monzense” independente, do romano até hoje, mas as poucas características ativas que a individualidade histórica daquela cidade pôde ter, junto com as muitas características ativas, de sujeição/submissão à vizinha Milão. Portanto, o

dialeto é em grande parte idêntico ao de Milão; e também os italianismos que ali se manifestam agora vêm da metrópole lombarda. O dialeto de uma cidade como Bergamo manifesta, em suas fases sucessivas, diferentes sínteses de traços autônomos, lombardos e vênnetos.

**p. 24**

“Em toda imitação há alguma coisa de original: porque ninguém copia um modelo sem o deformar; na imitação se mistura sem cessar a invenção. Reciprocamente, toda invenção utiliza um material pré-construído, que segue uma via onde os predecessores se encontram engajados, contém então uma certa parte de imitação.”

“...todo ato imposto por regras sociais não se realizam mais que seguindo uma modalidade que depende dos meios e muitas vezes de caprichos do indivíduo. E todo ato individual deve contar ao menos como limite com uma regra social. Há, assim, uma incessante penetração recíproca de dois elementos. O individual não pode se opor ao social.”

**p. 29**

“A história linguística de cada indivíduo é a história de sua socialização linguística: A criancinha começa por uma linguagem à parte, uma língua dele que ninguém compreende e passa a uma imitação, primeiro muito defeituosa das palavras dos outros... Com o tempo a imitação torna-se menos defeituosa, e pouco a pouco a criança passa a se conformar melhor aos hábitos dos outros.”

.....

“Ela imita, e imita ainda, e imita sempre, e no fim de poucos anos sua imitação torna-se tão perfeita que não se fala mais de linguagem infantil, mesmo se naturalmente ainda há muitas coisas a aprender na sua língua.”

“A imitação dos outros indivíduos é então o alfa e o ômega da vida linguística.

.....

A adaptação contínua aos hábitos linguísticos dos outros indivíduos tem lugar não somente no período no qual a criança começa a falar, mas durante toda a vida.”

“Eu tiro então de tudo isso a conclusão de que a imitação contínua dos falares do outro é uma condição da maior importância para a vida da linguagem.”

**p. 32**

“Os sujeitos transplantados de um lugar “menos regional” para um lugar “mais regional” não adotam jamais completamente o sistema morfológico do seu meio novo... e estão nas famílias em que eles entram, uma ação que tende a desagregar o sistema antigo; nas novas comunidades nas quais a população se renova relativamente pouco para os intercasamentos, a resistência do sistema morfológico é muito forte então ela é muito frágil em todos os lugares onde os intercasamentos com os lugares menos regionais são correntes.”

**p. 35**

“Atualmente ouve-se um genuíno dialeto de Eibelshausen somente entre mulheres, enquanto que os homens e também a grande maioria das crianças já falam o dialeto da freguesia (paróquia) de Ebersbach (W. Kork, em *Geografia dialetal do alemão*, IV, 1915, 312).”

“Não resta, com efeito, nenhuma dúvida sobre o fato de que, na Itália, mulheres de classes média e baixa são, em geral, as representantes mais confiáveis do dialeto local porque viajam pouco, não participam da emigração periódica, são menos expostas a influências externas do que os homens (*O atlas linguístico como instrumento de pesquisa*, 1928, p. 189).”

**p. 35 e 36**

“...o patoá das mulheres é quase sempre mais conservador que aquele dos homens da mesma localidade, esses sendo mais frequentemente obrigados a ter contato com pessoas da vila e sobretudo com as autoridades.”

“...a unidade e a vitalidade do macedônio-romano são devidos unicamente às mulheres e a influência dominante dessas na família. Sem elas a unidade e a vitalidade do macedônio-romano teriam sido impossíveis; o homem torna-se forçadamente bilíngue, sua fala materna muito comprometida já pelo fato do bilinguismo, não tardaria a sucumbir e a desaparecer totalmente.”

**p.37**

“... a aprendizagem da linguagem pelas crianças, e, em seguida, a evolução da língua que dela é consequência, ocorre de maneira diferente em um pequeno grupo social, tal como em uma cidade grega antiga, onde os membros do mesmo grupo se casam entre si, ou em um grupo maior, tal como o do império romano, em que as mulheres podem ser de origens diversas, ou, enfim, nas populações que praticam usos matrimoniais complicados, como aquelas da Austrália.”

**p. 37 e 38**

“É assim que para acreditar em certos textos chineses, os Kirghiz - nos quais a presença entre o Ob e o Lénissei é registrada desde o primeiro século a. C. - não tinham na origem um povo de língua turca. Os Miser e os Tepter, populações de origens diversas, não foram turcomanizados senão posteriormente. Os Tártaros do Lénissei são, em grande parte, de descendência de populações Samoiedas.

O exemplo seguinte, quase contemporâneo, é muito desconcertante: Os Kamasins, população de língua samoieda, começam a falar turco (dialeto da Katcha) em 1840; em 1860, eles esqueceram seu falar antigo, mas em 1890, eles abandonam o turco pelo russo. Duas mudanças de língua em cinquenta anos!”

**p. 38**

“Assim, então, uma língua misturada é normalmente uma língua sem morfologia. Estamos no direito de perguntar se a recíproca não é igualmente verdadeira, e se toda língua sem morfologia não é um resultado de mistura recente, a partir da qual uma nova morfologia não

teria tido tempo de se reconstituir. O que parece em todo caso certo, é que uma língua de sistema morfológico rico tem toda chance de não provir de uma mistura recente.”

**p.39**

“... vemos aqui como os homens que tinham presentes no espírito ao mesmo tempo duas maneiras de si exprimir combinaram os elementos de uma e de outra.”

“... o essencial é o fato, notável do ponto de vista psíquico, que os indivíduos que dispõem plenamente de duas maneiras de se exprimir tem, sem modificar de uma maneira profunda o sistema de uma das línguas, juntado a esse sistema os procedimentos da outra.”

“ O caso de populações bilíngues não são raros. Em todo lugar, onde ao lado de um velho idioma local, se introduz uma língua de civilização representativa há durante mais ou menos tempo sujeitos bilíngues.”

**p. 40**

“Constatamos muitas vezes que, no desenvolvimento de uma língua, introduzem-se tipos articulatorios ou gramaticais inteiramente novos. Ou, a experiência parece mostrar que, no caso em que uma população torna-se sensivelmente estável e em que a língua é simplesmente transmitida às crianças de pai para filho, reproduzem-se mudanças de detalhes, e há adaptações, mas o tipo linguístico não muda. Somos então levados a supor que, onde encontramos mudanças profundas que modificam gravemente tal ou qual parte da língua, estamos em presença de populações que mudaram de língua.”

**p. 41 e 42**

“Certos fatos são dados por observadores sérios como contrários à teoria da influência do substrato estrangeiro sobre uma língua: assim as populações alemãs antigamente estabelecidas na Transilvânia falam um romance que não tem traço germânico (o Puscariu); os bérberes do Marrocos adquirem um árabe correto.

Inversamente podemos observar facilmente quantas línguas literárias nacionais que se ouvem são influenciadas por substratos provincianos. Assim o francês falado pelas populações meridionais não tem uma vogal do francês normal.

É preciso considerar o grau de homogeneidade entre as línguas que se influenciam: o substrato age mais sobre uma língua parente que se expande, que sobre uma língua estrangeira: o francês é adquirido no Midi (domínio da língua d’Oc) parte para a leitura, parte para o ensino que dão os mestres que têm eles mesmos o sotaque do Midi, ou seja, do sul ou pelo contato pessoal com as pessoas do Norte.

Essa observação vale, além disso, também para o caso da extensão de uma língua estrangeira, mas que é ensinada na escola, caso do latim na Gália.”

**p. 53**

“A etimologia primária não tem muitas vezes senão um valor fugidio; uma vez engajada, a palavra francesa vai onde se expande o francês, obedece à etimologia popular, torna-se borboleta da crisálida que era, e para o estado do qual ela fica segundo os lexicógrafos.”

“Uma ação psicológica vem obstruir a ação fisiológica: por um ato de vontade, do qual eles são mais ou menos conscientes, aqueles que falam patoá colocam um freio em certas operações puramente psicológicas nascentes, iminentes, do qual os resultados produziram uma saída mais pronunciada entre os falares em comparação, num estado de dependência. O obstrucionismo tem naturalmente lugar nos pequenos centros de transações. Esses centros são ainda muito múltiplos, a intensidade de sua obstrução é muito variável, e, de outro lado, a produção fonética, embora a obstrução seja ainda muito viva para que as variedades fonéticas não sejam destruídas a tal ponto que nós tenhamos a constatar de vastos costumes assimilados, como aqueles da Normandia,... para que nós não tenhamos de verificar a existência de dialetos.”